

## SURTOS DE PESTE SUÍNA CLÁSSICA NO BRASIL ENTRE 2018, 2019 e 2021: UMA REVISÃO DE LITERATURA

**João Marcelo Alves Ceolho**

Discente- Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO  
(joao.coelho02@aluno.unifametro.edu.br)

**Vitória Costa Pinheiro**

Discente- Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO  
(vitoria.pinheiro03@aluno.unifametro.edu.br)

**Adriane Luzia da Silva Mendes**

Discente- Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO  
(adriane.mendes@aluno.unifametro.edu.br)

**Aline Maia Silva**

Docente- Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO  
(aline.silva01@professor.unifametro.edu.br)

**Área Temática:** Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação

**Área de Conhecimento:** Ciências da Saúde

**Encontro Científico:** IX Encontro de Iniciação à Pesquisa

### RESUMO

**Introdução:** A peste suína clássica (PSC) é uma doença viral que acomete suínos domésticos, alguns dos seus sinais clínicos podem ser letargia, animais amontoados, conjuntivite, lesões hemorrágicas na pele, cianose em extremidades, paresia de membros e ataxia. No Brasil, foram notificados casos recentes nos anos de 2018 e 2019, cerca de 67 focos da doença foram notificados nos estados do Ceará, Alagoas e Piauí, onde o controle foi a eliminação dos animais infectados e os que tiveram contato direto. **Objetivo:** O trabalho reúne informações a respeito dos surtos de peste suína ocorridos no Brasil nos anos de 2018, 2019 e 2021, precavendo produtores e a população acerca dos problemas causados por essa patologia, albergando todos os seus aspectos através da revisão de literatura. **Métodos:** Foi realizada a descrição de dados referentes a peste suína clássica e busca em ferramentas como Google

acadêmico, revistas Scielo e PubVet, artigos e a cartilha do plano Brasil livre de peste suína clássica, disponibilizado pelo MAPA. **Resultados:** O Brasil é um dos maiores exportadores de carne suína, exportando, anualmente, quantias exorbitantes da mesma, portanto deve-se manter o alerta ligado a qualquer foco que possa ser diagnosticado como PSC. O Brasil segue buscando o status de zona livre da doença, porém, algumas regiões ainda possuem estados em que a doença não está totalmente erradicada. **Considerações finais:** Diante dos quadros de infecções recentes ocorridos no país, faz-se necessário que produtores e profissionais da área fiquem em alerta com a forma de propagação, sinais clínicos e formas de controle.

**Palavras-chave:** Suínos; Peste suína; Brasil

## INTRODUÇÃO

A Peste Suína Clássica (PSC) é uma doença viral, altamente contagiosa, que acomete tanto suínos domésticos quanto suínos selvagens, e de acordo com a organização mundial da saúde animal, é de notificação obrigatória. O vírus causador dessa enfermidade é pertencente ao gênero *Pestivirus*, família *Flaviviridae*, se manifesta de forma aguda, sub aguda, crônica ou clínica inaparente (MENDONÇA *et al.*, 2019). Alguns dos principais sinais clínicos da PSC são febre (40,5°C a 42,0°C), apatia, anorexia, letargia, animais amontoados, conjuntivite, lesões hemorrágicas na pele, cianose em extremidades (orelhas, membros, focinho e cauda), paresia de membros posteriores, ataxia, problemas respiratórios e reprodutivos (principalmente abortos).

A infecção ocorre através do contato direto entre animais sadios e doentes, por ingestão de alimentos contaminados, pela via oro-nasal, sendo as tonsilas o primeiro sítio de replicação do vírus, que em seguida penetra na corrente circulatória alcançando linfonodos, baço, rins e cérebro (OLIVEIRA, 2020). Trata-se de um vírus sensível a temperaturas elevadas, se estiver presente na carne é inativado pelo cozimento, o pH é outro método de inativação do vírus, visto que acidez (pH abaixo de 3) e alcalinidade (pH acima de 11) levam o patógeno a perder sua ação. O vírus pode manter-se por meses em carcaças congeladas e em órgãos que estão em processo de putrefação pode chegar a sobreviver de 3 a 4 dias, nos casos de sangue e da medula óssea que também estiverem em putrefação pode permanecer ativo por até 15 dias (SILVA, 2016).

O primeiro surto confirmado de peste suína no Brasil foi datado no ano de 1896, desde essa época observa-se que o vírus persiste e prevalece no país na forma de surtos contínuos e

distribuídos ao longo das décadas, trazendo prejuízos econômicos e afetando criações de diferentes regiões ao mesmo tempo (OLIVEIRA, 2021). O acometimento de animais de todo o país por essa doença leva a uma preocupação com a pecuária brasileira, setor esse que corresponde a uma boa parte da economia do país.

No ano de 2018, no Ceará, e no ano de 2019, em Alagoas e no Piauí foram detectados 67 focos da peste suína clássica, sendo estes distribuídos em 27 municípios dos 3 estados. Uma das principais medidas para o controle da doença é a eliminação dos animais positivos, essa medida levantou um alerta sobre a reintrodução de animais ao confinamento e consequentemente a reintrodução da doença nas conhecidas zonas limpas (ZL).

Esse trabalho tem por objetivo reunir informações a respeito dos surtos de peste suína ocorridos no Brasil nos anos de 2018, 2019 e 2021 e precaver produtores dessa espécie e a população em geral acerca dos problemas causados por essa patologia, albergando todos os seus aspectos através da revisão de literatura.

## **METODOLOGIA**

A revisão bibliográfica foi realizada com a descrição de dados no que se refere a peste suína clássica no Brasil e os surtos ocorridos nos últimos anos. Essa pesquisa foi realizada em sites de banco de dados, incluindo artigos científicos datados dos anos de 2010 a 2021 (buscados em canais eletrônicos como revista SciELO, PubVet, Google acadêmico e PubMed), livros de doenças infecciosas, sites de órgãos oficiais da defesa agropecuária estadual e federal, e a cartilha do plano Brasil livre de peste suína clássica, disponibilizado pelo MAPA.

## **RESULTADOS E DISCURSÃO**

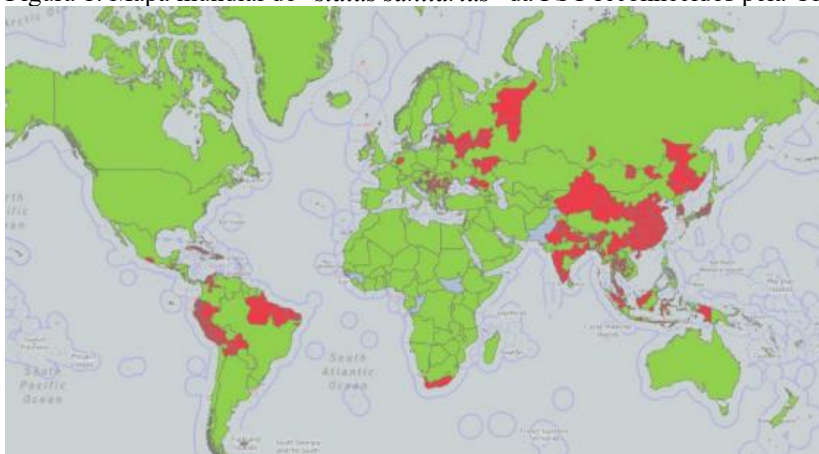
O vírus causador da Peste Suína Clássica, o VPSC, é do gênero Pestivirus e membro da família Flaviviridae. Sendo um vírus RNA de fita simples linear e envelopado que possui sensibilidade a diversos fatores químicos e físicos. Apesar disso, o vírus pode ficar ativo em condições de alta umidade e baixa temperatura (MEGID, 2015). A principal forma de transmissão do vírus da Peste Suína Clássica (VPSC) é por contato direto de suínos infectados com animais susceptíveis, além dessa transmissão, também é importante a transmissão congênita, visto que a leitegada nasce infectada, entretanto, podem apresentar-se sadios, apenas transmitindo a enfermidade (MORAES, 2019).

O Brasil é o quarto maior produtor e exportador mundial de carne suína, sendo uma das atividades mais importantes para o agronegócio do país. No ano de 2018, produziu mais de 3,9

milhões de toneladas, exportou 650 mil toneladas e a movimentação financeira de toda a cadeia de suínos foi de aproximadamente R\$ 150 bilhões (MORAES, 2019). Portanto, o Brasil deve manter o alerta ligado quanto a doenças altamente contagiosas como PSC, além de prejuízos socioeconômicos, tem prejuízos sanitários graves, como restrições comerciais, dificultando ou impossibilitando a comercialização e exportação de produtos de origem animal (GAVA et al, 2019).

A PSC era considerada endêmica em vários estados Brasileiros até o ano de 1980, então, 1984 foi introduzido o Programa de Combate às Pestes Suínas (PCPS) e após, em 1992, o Programa de Controle e Erradicação da Peste Suína Clássica, que tinha como objetivo principal a erradicação do vírus. Uma das principais estratégias adotadas foi a indicação de vacinas como uma forma de controle da doença (OLIVEIRA, 2014). Em relação a nível mundial, algumas regiões apresentam muitos avanços importantes na erradicação e controle da PSC, como América do Norte, América Central e Europa, porém ainda existem diversas regiões geográficas em que a doença ocorre endemicamente, sendo um risco alto para regiões consideradas livres dessa doença (Figura 1) (FERRER et al., 2000).

Figura 1: Mapa mundial do "status sanitarius" da PSC reconhecidos pela OMSA no ano de 2021



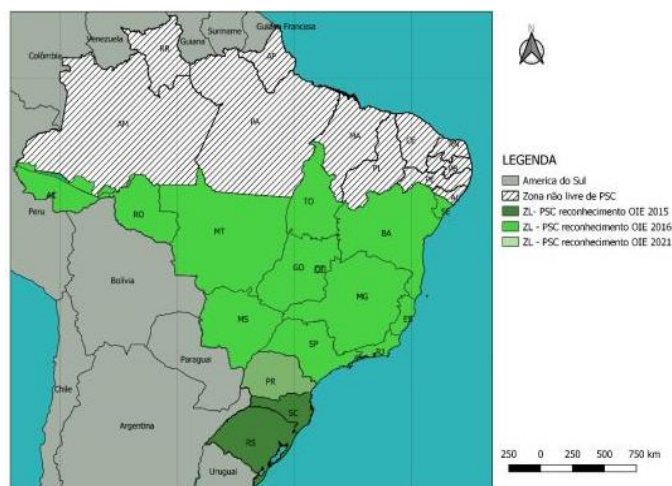
Fonte: OMSA

O Brasil segue em busca da erradicação desta enfermidade, sendo reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) em uma zona geográfica livre desta doença, incluindo mais de 80% do rebanho brasileiro de suínos. Entretanto, as regiões Norte e Nordeste são zonas que dispõem de estados que não são, ainda, reconhecidos como livres da PSC (Figura 2) (OLIVEIRA, 2014).

O território brasileiro esteve entre 2010 a 2017 sem novos casos da PSC, em outubro do ano de 2018 foram confirmados novos casos no estado do Ceará (OIE, 2021). Em 2019 houve a confirmação de focos em Alagoas e Piauí. Foram registrados 67 focos desta enfermidade,

sendo distribuídos em 28 municípios entre os estados do Ceará, Piauí e Alagoas. O resultado foi a eliminação de cerca de 6.500 suínos, pertencentes a mais de 750 proprietários (Brasil, 2019).

Figura 2. Mapa brasileiro do "status sanitarius" da PSC reconhecidos pelo MAPA no ano de 2021



O Ceará destacou-se nos anos de 2018 e 2019 em relação aos focos de PSC, em 2018 apresentou 30 focos distribuídos nos meses de agosto a novembro e em 2019 apresentou 11 focos. Nos anos de 2018 e 2019 totalizou 1220 animais afetados pela enfermidade.

No ano de 2019, além do Ceará, mais estados do Nordeste foram afetados, entre eles, o Piauí, com 11 focos da PSC distribuídos nos meses de fevereiro, março, abril, maio e outubro, totalizando 299 animais atingidos (Tabela 2).

Em Alagoas foram notificados apenas 2 focos nos meses de setembro e outubro (Tabela 3), porém, em setembro a taxa de ataque apresentou-se maior em relação ao mês de outubro, no entanto, de acordo com Gasino-joineau et al (2001) não há uma explicação para essa exorbitante diferença. Mais recentemente, em 2021, o estado do Pernambuco apresentou focos da PSC nos meses de janeiro, julho, agosto e setembro, totalizando 7 focos com o número de 290 animais doentes (Tabela 4).



Tabela 1. Focos de Peste Suína Clássica no Estado do Ceará

Ano	Meses	Foco	Nº de animais
2018	Agosto	5	233
	Setembro	4	43
	Outubro	17	386
	Novembro	4	147
	<b>Subtotal</b>	<b>30</b>	<b>809</b>
2019	Janeiro	2	85
	Fevereiro	4	97
	Março	2	176
	Abril	1	21
	Julho	1	10
	Agosto	1	22
	<b>Subtotal</b>	<b>11</b>	<b>411</b>
	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>1220</b>

Fonte: MAPA, 20121

Ano	Meses	Focos	Nº de animais
2019	Fevereiro	1	20
	Março	6	89
	Abril	1	63
	Maiο	2	116
	Outubro	1	11
	<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>299</b>

Tabela 2. Focos de Peste Suína Clássica no Estado do Piauí

Fonte: MAPA, 2021

Ano	Meses	Focos	Nº de animais
2021	Janeiro	3	183
	Julho	1	52
	Agosto	2	54
	Setembro	1	1
	<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>290</b>

Tabela 4. Focos de Peste Suína Clássica no Estado do Pernambuco.

Fonte: MAPA, 2021

Ano	Meses	Focos	Nº de animais
2019	Setembro	1	32
	Outubro	1	4
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>36</b>

Tabela 3. Focos de Peste Suína Clássica no Estado do Alagoas.

Fonte: MAPA, 20121

Por causa da reemergência da enfermidade no Brasil, foi colocado em alerta o estado de Minas Gerais, pois o mesmo possui o quarto maior rebanho de suínos do país (PEREIRA, 2018). Sendo, atualmente, proibido o trânsito de suínos entre o Nordeste (exceção dos estados da Bahia e Sergipe) para os estados livres da doença, (estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste). Portanto, o Programa Nacional de Sanidade dos Suídeos (PNSS) foca em manter a condição zoossanitária nas zonas livres e evoluir a erradicação de PSC na zona não livre (BRASIL, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vírus pertencente ao gênero Pestivirus, família Flaviviridae, causa uma patologia contagiosa conhecida como Peste Suína. Esta enfermidade pode causar a morte do animal, nesses casos causando prejuízo aos produtores. Entre os anos de 2018 e 2019, foram encontrados focos da peste suína clássica, desse modo os produtores devem ficar em alerta para o controle e profilaxia dentro da sua unidade produtora. Sua transmissão é através do contato

direto entre animais (sêmen, sangue, secreções, excretas), propagação por pessoas, roupas, instrumentos e infecção transplacentária. Deve haver uma comunicação ativa entre as autoridades veterinárias, médicos veterinários autônomos e produtores, um bom sistema de notificação de enfermidades, vigilância sorológica. As medidas a serem tomadas no foco é o sacrifício de todos os suínos afetados, a eliminação das carcaças, camas, excretas, e a desinfecção, entre outros cuidados.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Brasil livre de PSC**. Brasília, MAPA, 2019.
2. BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Mapa fará trabalho integrado com estados do NE para erradicar doenças como a peste suína clássica**. Brasília, 17 de abril de 2019.
3. CURIN, Lucimara; SPEROTTO, Vitor da Rocha. **PESTE SUÍNA CLÁSSICA–REVISÃO DE LITERATURA**.
4. FERRER et al. **Peste Porcina Clásica En Las Américas Y El Caribe: Actualidad Y Perspectivas de Control Y Erradicación**, 2000.
5. GASINO-JOINEAU, M.E. et al. Isolamento e caracterização de cepa de moderada virulência do vírus de Peste Suína Clássica no Estado do Paraná, Brasil. *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia*, v.4, n.1, p.41-48, 2001
6. GAVA, D; ZANELLA, J.R.C; CARON, L; SCHAEFER, R; SILVA, V.S. **Peste suína clássica e peste suína africana: as doenças e os riscos para o Brasil**. Revista CFMV. Conselho federal de medicina veterinária. Nº 82, p 22-26. Brasília, 2019. Disponível em: < <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1115468/1/final9276.pdf>> . Acesso em 6, out, 2022.
7. MEGID, J.; RIBEIRO, M.G.; PAES, A.C. **Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia**. 1. ed., Rio de Janeiro: Roca, 2015. 1296 p.
8. MORAES, Geraldo Marcos de. **Peste Suína Clássica e Peste Suína Africana: as doenças e os riscos para o Brasil**. CFMV. n82 - ANO XXV. Brasília DF, 2019. Disponível em: [www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/115468/1/final9276.pdf](http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/115468/1/final9276.pdf). Acesso em 5 out, 2022.
9. OLIVEIRA et al. **Peste suína clássica: caracterização da enfermidade e ações de controle e erradicação adotadas no Brasil**. *Vet. e Zootec.*, v.21, n.3, p.343-358, 2014.
10. OIE. **World Organization for Animal Health. Situação de doença**. Disponível em: <https://wahis.oie.int/#/dashboards/country-or-disease-dashboard>. Acesso em 06 de outubro de 2022.
11. PEREIRA, A.I. **Doenças emergentes e reemergentes representam desafios**. Revista V & Z em Minas, Belo Horizonte, n. 139, OUT/NOV/DEZ, 2018.
12. SILVA, M.M.N.F **Estudo Filogenético de Isolados Brasileiros do Vírus da Peste Suína Clássica (2001-2009): Novo Sub Genótipo-1.5**, 44 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Ciência Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2016.